

# Quilombismo: uma utopia, política, viável

» WALDEMAR MOURA LIMA

Babalóla Dumissai, professor, ex-secretário de Educação de Sapucaí do Sul (RS), criador e liderança da Frente Quilombista Abdias do Nascimento

Nascemos. Quando despertamos para a maturidade, surgem algumas opções políticas, de ideologias diversas, todas, contudo, tendo como pressuposto, vivermos em uma sociedade humanizada, justa, fraterna, uma sociedade idealizada em que sejamos, plenamente, felizes. Primeiro erro: Não existe um regime de convivência social que contemple todos os nossos anseios para alcançarmos a felicidade! Humanos, estamos em constante processo evolutivo, portanto, em busca de algo novo. No caso específico, estamos em busca de um sistema ideal que defina, com equidade, direitos e deveres, e regule interesses e conflitos no cotidiano.

Segundo erro: as ideologias políticas propostas originam-se de um mesmo patamar civilizatório as quais, no transcurso histórico, vão-se transmutando em várias vertentes, contudo, sem perder sua essência, ou seja, a supremacia do visível, do palpável, da matéria, sobre valores incomensuráveis, transcendentais, ligados à espiritualidade humana. Em síntese: dá-se ênfase à supremacia do Ter sobre o Ser.

Então, somos induzidos, pelo sistema constituído, a acreditar que a humanidade teve início no continente europeu, embora esteja cientificamente comprovado que a origem do Homo Sapiens ocorreu no continente africano. Porém, as universidades, no seu transcurso histórico e, ainda hoje, em pleno século 21, insistem em nos fazer crer que o berço da humanidade, o início de todas as ciências com as quais convivemos e de que nos beneficiamos, foi a Grécia. Então, nos permitimos questionar: e o que dizer das milenares civilizações e dos poderosos impérios vigentes outrora no continente africano?

Reporto-me aqui à fala do nosso ganga Abdias do Nascimento que diz textualmente: “Os negros e os oprimidos têm, como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na liberdade, na igualdade de oportunidades e no respeito a todos os seres humanos; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo; uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e deserdados deste país, aos quais não interessa a simples



restauração de tipos e formas caducas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviriam apenas para procrastinar o advento de nossa emancipação total e definitiva, que somente pode vir com a mudança radical das estruturas vigentes.

(...) Enfim, reconstruir no presente, uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. Um futuro melhor para os negros e oprimidos tanto exige uma nova realidade em termos de pão, moradia, saúde, educação, lazer, trabalho como requer outro clima moral e espiritual de respeito às componentes mais sensíveis da personalidade negra expressa em sua religião, cultura histórica, costumes e todo seu sistema epistemológico”.

A comunidade negra brasileira, portanto, tem um projeto emancipatório de nação, assentado nos valores epistemológicos das nossas matrizes africanas. As palavras, “sankofa” e “ubuntu” sustentam essa nossa afirmativa: “sankofa” é um dos símbolos da nossa resistência heroica ao escravagismo. Ela nos conchama a voltarmos ao passado e, criteriosamente, analisá-lo. Assim, conheceremos a verdade dos fatos históricos. Daí, não cometeremos os mesmos erros que nos levaram à sujeição ao sistema constituído; então,

entenderemos, com profundidade, a conjuntura em que nos encontramos e, assim, poderemos projetar, coletivamente, um futuro digno, justo para todos os excluídos do sistema, deles, racistas predadores, fascistas, homofóbicos, corruptos. Sistema criado por eles, para manutenção de todas as injustiças e mazelas sociais as quais, como consequência, darão sustentação, para sempre, aos privilégios deles.

Já “ubuntu” é uma ideologia que se baseia na solidariedade e na supremacia do coletivo sobre o individual. Essa palavra expressa o sentimento maior do amor fraternal cujo sentido é: “Eu sou porque você é! Você é porque eu sou. Então somos. Sua felicidade é minha felicidade. Sua dor, seu sofrimento são minha dor, meu sofrimento”.

Negros, negras, povo cinza em geral, estamos em outra era. Sopram ventos libertários os quais, nos levarão à real alforria desse sistema caótico, sistema inconcluso, preso a conceitos e preconceitos colonialistas, herdados e mantidos pelos atuais donos da Casa Grande e Senzala que, persistem, em pleno século 21, que se arvoram em nos manter sob jugo, presos aos ditames dos seus caprichos. Chega! Bebamos nas nossas fontes libertárias e nos libertemos.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Enxadadas e canetadas

Em terras semeadas pela classe política nacional, basta um golpe de enxada na terra inculta, para surgirem indícios de que há muito mais nesse campo arado do que se pode esperar. É como dizia o filósofo Mondubim: “A cada enxadada, uma minhoca”. Portanto escarafunchar a vida dos principais políticos nacionais, nunca é um exercício em vão. Há sempre a produção de surpresas, apontando para aldrabices e outras maquinações que desembocam sempre no pardieiro da corrupção.

A terceira instância do Judiciário até que tenta ajudar para que essas surpresas não resultem em punição para seus autores, mas são tantas as evidências, acumulando num crescendo tão febril, que fica, cada vez mais, difícil esconder do olhar do público, as montanhas de provas varridas para debaixo dos luxuosos tapetes caríssimos. Os órgãos de investigação, há muito, perceberam que não é preciso sequer seguir esses meliantes, basta ir atrás do dinheiro.

Foi o que aconteceu no caso das malas, contendo mais de R\$ 50 milhões, encontradas em um apartamento em Salvador, que servia como uma espécie de agência informal de pagamento de propinas. Foi o que ocorreu também com outra mala, de grife famosa, dessa vez contendo a módica quantia, para os padrões nacionais, de R\$ 500 mil, transportada pelo assessor especial de um ex-presidente, propina essa recebida da notória J&F. Em junho de 2016, no Aeroporto Internacional de Guarulhos, três pesadas malas, que não passaram pelo exame de raios X, foram interceptadas quando o jatinho particular levava um ex-presidente para Roma.

A operação, deflagrada pela Polícia Federal, foi abortada por ordens superiores e o caso foi também varrido para debaixo dos tapetes dos chiques gabinetes de Brasília. Os desvios de dinheiro público são tantos e em tão grande volume que não bastam caixas de uísque outras embalagens pequenas, mas muitas malas.

Fossem dadas enxadadas em paraísos fiscais em outros países que fazem vista grossa para essa dinheirama surrupada, bilhões de minhocas saltariam para fora da terra, com as mãos para o alto. Guiam, esses nada nobres senhores, a famosa senha que diz: “Se mais dinheiro houvera lá chegara”. Nem bem o defunto da Lava-Jato esfriou, nova enxadada, dada pela Polícia Federal, fez surgir outras minhocas, e um novo escândalo parece se erguer no horizonte. A Justiça de São Paulo anda às voltas agora com um curioso caso envolvendo lavagem de grandes somas de dinheiro, pelo PCC, poderosa organização criminosa, cada vez mais onipresente dentro da máquina do Estado, o PCC.

Mais de R\$ 45 milhões em imóveis e veículos foram apreendidos, levando a polícia ao contador João Muniz Leite, como definiu a imprensa, um técnico em transformar dinheiro sujo em recursos limpinhos. Ocorre que o tal contador — olha aí a minhoca — foi o responsável por fazer a declaração do Imposto de Renda de famoso ex-presidente por anos, sendo que até hoje maneja a contabilidade da alma mais honesta desse país.

Outras enxadadas revelaram ainda que o tal contador divide sala com empresas do craque das finanças, o filho desse mesmo ex-presidente. É preciso agora que a junta dos mais caros escritórios de advocacia do país cuide logo de entrar em campo, isso é nos gabinetes de Brasília, para salvar, mais uma vez, esse senhor e sua família, de preferência antes das próximas eleições.

Nesse caso também, os prognósticos sobre os resultados dessa investigação são sombrios e incertos. O mais provável é que todo esse novo movimento de enxadada acabe lá adiante, interrompido por uma canetada, dada por aqueles que estão onde estão para que tudo fique como sempre foi. Dizer o quê?

## Vestir a camisa da educação

» ANGELA DANNEMANN  
Superintendente do Itaú Social

Educação pública brasileira tem se organizado com afinco para recuperar os enormes impactos provocados pelo fechamento de escolas durante a pandemia e a falta de coordenação em âmbito federal. O retorno presencial trouxe uma onda de esperança e um senso de urgência que motivam profissionais da área, organizações da sociedade civil, governos estaduais e municipais a trabalharem juntos para garantir um futuro de mais oportunidades para crianças, adolescentes e jovens.

Profissionais de educação, redes de ensino e escolas estão empenhados com o trabalho de busca ativa, acolhimento socioemocional, diagnósticos e planejamento para recuperação das aprendizagens, entre outras estratégias. Nesse cenário, estão também as organizações sociais de base comunitária, instâncias da sociedade civil organizada que têm conhecimento e olhar apurado sobre os públicos e territórios onde atuam, com iniciativas que podem contribuir muito na difícil tarefa de recompor as perdas.

Em Planaltina (DF), a professora Luciene de Barros colabora com o bairro onde viveu grande parte da vida, por meio da educação, com a perspectiva de reduzir o quadro de violência. Em conjunto com outros moradores, ela desenvolve o Projeto Social e Cultural Educa, que tem apoiado com aulas de reforço os estudantes da comunidade com dificuldade em aprender.

No seu território, Luciene viu de perto o impacto da pandemia na alfabetização das crianças. Estima-se que 40% dos estudantes brasileiros de seis e sete anos não sabem ler e escrever, o maior patamar desde 2012, conforme nota técnica do Todos pela Educação divulgada em fevereiro de 2022, com base na

Pnad Contínua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A professora conta que a aluna Amanda (nome fictício) tem dificuldade até para escrever o próprio nome, mesmo estando no terceiro ano do ensino fundamental, enquanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define que a alfabetização deve estar concluída até o segundo ano. Tal cenário é o efeito geral da pandemia sobre um número enorme de estudantes pela lacuna de dois anos de escolas fechadas.

Esse não é um problema isolado. Junto à falta de estrutura e condições para oferecer atividades no turno complementar, se configura como um dos principais desafios das redes educacionais municipais, de acordo com a última pesquisa União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), divulgada em abril. Parcerias com organizações da sociedade civil serão importantes, especialmente neste momento em que toda iniciativa é necessária para ampliar oportunidades de aprendizagem. O desenvolvimento integral das crianças e adolescentes só tem a ganhar com uma aliança dialogada e bem conduzida entre as escolas e as organizações do seu entorno.

Assim como acredita a professora Luciene, a educação é mesmo a chave para a redução do desemprego e da violência. Recentemente, os pesquisadores Naércio Menezes Filho e Luciano Salomão, do Centro de Gestão e Políticas Públicas do Insuper, lançaram um excelente artigo sobre os efeitos da educação de qualidade sobre os índices de desemprego e criminalidade. Os autores criaram um novo indicador de educação básica, relacionando o Índice de Desenvolvimento da Educação

Básica (Ideb) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nas localidades com melhor resultado, houve uma diminuição de 25% nos homicídios, aumento de 14% nas matrículas no ensino superior e de 200% na geração de empregos entre os jovens.

Segundo Menezes, a melhoria desses índices se dá por intermédio de uma boa gestão num ciclo composto por dois mandatos de uma prefeitura, ou seja, em oito anos, bem como pela articulação do município com o governo do estado. Mais uma evidência da importância de haver articulação adequada entre estado e municípios, como poderá ocorrer em todo o país com a aprovação e implementação do Sistema Nacional de Educação. Felizmente, hoje o país já conta com diversas iniciativas de colaboração que tratam a educação como assunto de Estado — não apenas de governo. Em ano de eleições, nós, cidadãos, temos de priorizar propostas que valorizem o compromisso com a continuidade das boas políticas educacionais e fortaleçam essa colaboração em benefício da sociedade.

O professor Chico Soares, ex-presidente do Inep, durante o 2º Seminário Melhoria da Educação, destacou mais uma vez a importância de tornar a educação um compromisso de todos. Vestir essa “camisa”, assim como fazemos nos jogos dos nossos times ao longo do ano e do Brasil durante a Copa do Mundo, é essencial em um ano de eleições. Nas próprias palavras de Chico, “qualidade para poucos não é qualidade”, portanto, já é mais do que hora de escolher nossos governantes usando a lente da educação de qualidade com equidade — só assim conseguiremos ter uma sociedade crescentemente justa e próspera.

### » A frase que foi pronunciada

“Acho que nós consideramos mais a boa sorte do pássaro que acordou cedo do que a má sorte da minhoca.”

Franklin Roosevelt

### Agenda

» Brasília recebe, até o próximo dia 26, a 36ª Feira do Livro de Brasília. A entrada é gratuita. Uma pena o país não estimular a leitura. Em países desenvolvidos, os ônibus escolares levam livros diversos que a criança pega, lê e devolve. O hábito se faz de criança. Luiz Amorim abasteceu as paradas de ônibus de Brasília com livros doados e os carroceiros pegaram para vender por peso. Depois de uma conversa eles passaram a respeitar o projeto.

### Qi

» Um paredão de gente importante resolveu enfrentar quem tem feito de tudo para acabar com as nascentes do Park Way e de outras áreas do DF. Nessa altura dos acontecimentos, é preciso que nossas autoridades percebam que Brasília não sobreviverá sem as nascentes que circundam a capital. Nosso lago é artificial. É uma questão de inteligência e respeito pela cidade.

### » História de Brasília

O lado leste do Eixo Rodoviário Sul está tremendamente prejudicado em suas construções. Várias autarquias entregaram seus prédios a firmas que já requereram concordata, e nenhuma providência foi tomada para a substituição dos empreiteiros. (Publicada em 13/1962)